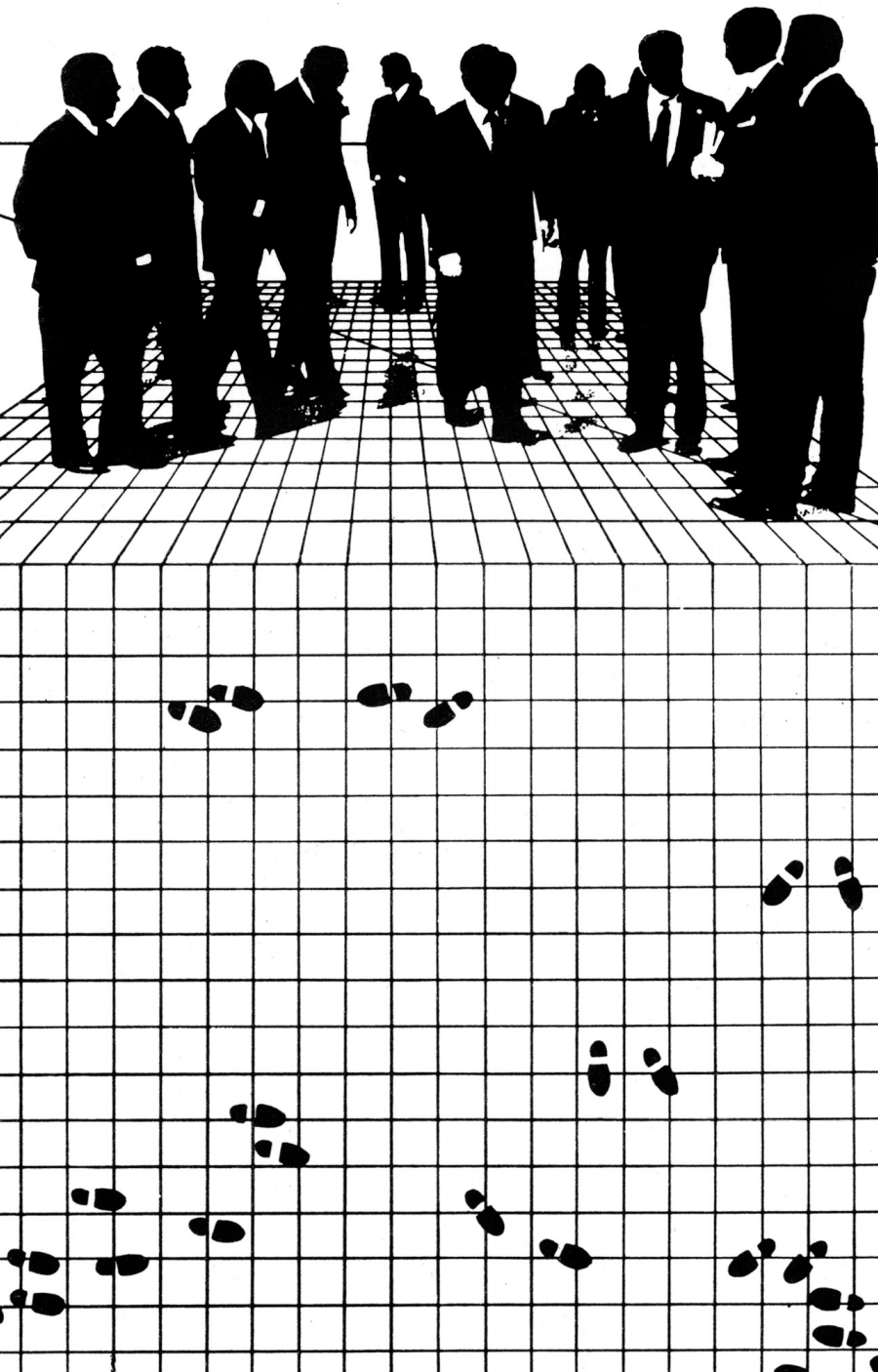


GEORGE ORWELL

1984

GEORGE ORWELL 1984

EDIÇÃO ESPECIAL

TRADUÇÃO
Alexandre Hubner
Heloisa Jahn

APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO
Marcelo Pen

ENSAIO VISUAL
Regina Silveira

FORTUNA CRÍTICA
Golo Mann
Irving Howe
Raymond Williams
Thomas Pynchon
Homi K. Bhabha
Martha C. Nussbaum
Bernard Crick
George Packer

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © by Espólio de Sonia Brownell Orwell
Copyright da fortuna crítica by os autores
Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais de Irving Howe e Raymond Williams. A editora agradece qualquer informação relativa aos titulares.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL
1984

TRADUÇÃO DA FORTUNA CRÍTICA
Denise Bottman/ Fernando Veríssimo ("Rumo a *1984*", de Thomas Pynchon)

ENSAIO VISUAL
Regina Silveira, Livro de artista, Offset, Edição de autor, São Paulo, 1977

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Kiko Farkas e Felipe Sabatini / Máquina Estúdio

IMAGEM DA P. 21
Regina Silveira, Série Enigmas, 1982

IMAGENS DAS PP. 40 E 150
Regina Silveira, 15 Labirintos, Porto Rico, 1971

CAPAS DAS PP. 376 E 382
Cortesia de Arquivo Destino, © Editorial Planeta S.A.

FOTO DO AUTOR
Granger/ Alamy/ Fotoarena

PREPARAÇÃO
Ana Martini

REVISÃO
Jane Pessoa e Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950

1984 / George Orwell; tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; apresentação e organização Marcelo Pen. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

"Com fortuna crítica"
Título original: 1984.
ISBN: 978-85-359-3296-6

1. Ficção inglesa I. Pen, Marcelo. II. Título.

19-30628 CDD–823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

STUDIO 45

ENSAIO VISUAL
REGINA SILVEIRA

APRESENTAÇÃO
24 *1984*: Recepção problemática
e o paradoxo do exílio
MARCELO PEN

1984
41 Parte 1

151 Parte 2

277 Parte 3

353 Apêndice: Os princípios da Novafala

369 ## *1984*: 70 ANOS EM CAPAS

FORTUNA CRÍTICA

386 *1984*
GOLO MANN

394 *1984*: A história como pesadelo
IRVING HOWE

414 *Mil novecentos e oitenta e quatro* em 1984:
Como o romance nos ajuda a entender o ano?
RAYMOND WILLIAMS

436 Rumo a *1984*
THOMAS PYNCHON

456 O *duplifalar* e a minoria de um
HOMI K. BHABHA

470 A morte da piedade:
Orwell e a vida política americana
MARTHA C. NUSSBAUM

500 *Mil novecentos e oitenta e quatro*:
Contexto e controvérsia
BERNARD CRICK

524 O *duplipensamento* é mais forte do que Orwell
imaginava: O que *1984* significa atualmente
GEORGE PACKER

535 SOBRE O AUTOR E OS COLABORADORES

APRESENTAÇÃO

1984: RECEPÇÃO PROBLEMÁTICA E O PARADOXO DO EXÍLIO

MARCELO PEN

Ninguém está verdadeiramente isento de tendências políticas. A opinião de que arte não deveria ter a ver com política é em si mesma uma atitude política.

GEORGE ORWELL, "Por que escrevo"[1]

Setenta anos depois de seu lançamento, a história da recepção de *1984* é quase tão intensa, tortuosa e controversa quanto a biografia de seu autor. George Orwell nasceu Eric Arthur Blair em Bengala, na Índia, onde seu pai trabalhava para o Departamento de Ópio do Serviço Público Indiano da Grã-Bretanha; estudou em instituições de elite e foi ele próprio durante cinco anos agente da polícia imperial na Birmânia; viveu com os miseráveis de Paris e Londres no final dos anos 1920; lutou pela causa republicana na Guerra Civil Espanhola ao lado de uma milícia minoritária de inspiração anarquista e trotskista, quando levou um tiro na garganta que quase lhe tirou a vida. Autointitulado socialista democrático, criticou o socialismo oficial da Inglaterra e denunciou o governo soviético, o que suscitou a desconfiança da esquerda britânica e dificultou a publicação, entre outros, de *A revolução dos bichos*. Escreveu *1984* em meio a crises de tuber-

1 *Dentro da baleia e outros ensaios.* Org. de Daniel Piza. Trad. de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

culose, doença que o matou sete meses depois da publicação da obra. Tinha apenas 46 anos.

O romance obteve sucesso imediato. Até hoje, junto com *A revolução dos bichos*, vendeu quase 50 milhões de cópias em mais de sessenta países. Na época, o uso de *1984* como munição ideológica na Guerra Fria fez Orwell declarar: "Meu recente romance não consiste num ataque ao socialismo ou ao Partido Trabalhista Britânico (o qual apoio)". E completou que a escolha da Inglaterra como espaço onde se desenrola a ação serviria para mostrar que "*se não for combatido*, o totalitarismo pode triunfar em qualquer parte".[2] A alegação, somada a um comunicado de imprensa em que ele associa o totalitarismo gerado nos Estados Unidos ao americanismo, não impediu o incômodo da crítica progressista nem o impulso defensivo da crítica conservadora, a julgar, no segundo caso, pelos títulos dos ensaios de Christopher Hitchens, seu mais ferrenho apologista: *A vitória de Orwell*[3] e *Why Orwell Matters* [Por que Orwell tem importância].

A polêmica estende-se para o campo da teoria do conhecimento. Richard Rorty, por exemplo, baseia-se na ideia de que Orwell ofereceria, com *1984*, um contexto e uma perspectiva alternativos (em oposição ao que seria a descrição de uma "realidade objetiva"), para defender sua tese de que o autor propõe relações a partir das quais podemos estabelecer nosso julgamento com base na ideia de solidariedade social e liberdade, e não no pressuposto de que, digamos, "a verdade está lá fora". Por outro lado, o filósofo James Conant assume posição contrária ao sugerir que o totalitarismo, na visão de Orwell, fundamenta-se em uma noção de "mentira institucionalizada", que nega qualquer possibilidade de liberdade de pensamento.[4]

2 Jeffrey Meyers, "Introduction". In: Id. (Org.), *George Orwell: The Critical Heritage*. Londres: Routledge, 1997, p. 24. (Os destaques são de Orwell.)

3 Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

4 Ver Richard Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989), e a resposta de James Conant, "Rorty and Orwell on Truth", em: Abbott Gleason, Jack Goldsmith e Martha C. Nussbaum (Orgs.), *On Nineteen Eighty-Four: Orwell And Our Future* (Princeton: Princeton University Press, 2005).

A controvérsia poderia soar acadêmica se não contivesse o germe de como *1984* costuma ser reavaliado nos dias atuais. Depois de Donald Trump prestar o juramento de investidura no cargo de presidente dos Estados Unidos diante de um grupo de apoiadores menor do que o esperado, sua assessoria de imprensa divulgou a notícia de que se tratou do "maior público jamais presente a uma cerimônia de posse". O argumento dos "fatos alternativos", empregado pela então conselheira do presidente para justificar a impostura, sem dúvida irritaria um defensor do senso comum e da evidência empírica, como Winston Smith. Como o irritariam a atual vigilância tecnológica ou o arsenal de fake news, que são acessadas, repassadas e entendidas como informação fidedigna. Ou o modo como a própria imprensa hoje se refere aos acontecimentos como narrativas, como se vivêssemos em meio a um acúmulo de versões divergentes diante das quais nosso único processo de adesão se dá por simpatia ou ideologia, uma perspectiva pragmática de mundo para a qual teóricos como Rorty decerto contribuíram.

Assim, o fantasma de alguma maneira deslocou-se da ameaça do totalitarismo — ou do fetichismo do Estado, na expressão de Irving Howe — para a sensação de que "o óbvio, o simplório, o verdadeiro" devem ser preservados. Se o fetichismo de Estado substituiu o fetichismo das mercadorias, viveríamos agora sob o fetichismo da alienação? Não deve ser coincidência que Dorian Lynskey tenha intitulado sua recente crônica sobre o romance de *O Ministério da Verdade*, referência ao órgão do governo do Grande Irmão responsável por destruir informações, falsear a história e propagar a mentira. "*1984* continua sendo o livro ao qual nos voltamos quando a verdade é mutilada, a linguagem distorcida e o poder violado", afirma Lynskey, que salienta que as vendas do livro de Orwell dispararam 10 mil por cento em quatro dias após a afirmação da conselheira de Trump.[5]

E, se o debate compreende as áreas do direito, da psicologia, da história, das ciências sociais, muitas vezes com resultados conflitantes, o risco está em transformar Orwell em um "caso", como advertiu

5 Dorian Lynskey, *The Ministry of Truth: The Biography of George Orwell's* 1984. Nova York: Doubleday, 2019, p. 13.

Raymond Williams em *Culture and Society*. "Nós viemos usando-o, desde sua morte, como base para uma discussão geral", observou ele, quase sessenta anos atrás.[6] Mas uma pergunta que também podemos fazer é se o romance não solicita que o debatamos, que constantemente o reatualizemos em função das urgências do momento. O que não significa que outras obras de valor para o pensamento ocidental, como a *Odisseia*, *Dom Quixote* ou *Dom Casmurro*, não possam ser historicamente reavaliadas e que delas se extraiam novos significados de acordo com o desenvolvimento histórico.

Poderíamos argumentar que *1984* ainda é relativamente recente diante dos outros exemplos, o que explica em parte a afirmação de Rorty de que os melhores romances de Orwell continuarão a ter apelo junto ao grande público na medida em que "descrevamos a política do século XX do modo como Orwell a descreveu". A despeito de opiniões contrárias, então, quem sabe essa não seria a nossa história? Quem sabe a diferença não estaria na intensidade com que a experimentamos, no sentido de que teríamos de tornar mais urgentes, por exemplo, as teses e os ensaios de Walter Benjamin sobre o conceito de história e o espírito humano, escritos nos anos 1930, para entender o nosso tempo? Vale ressaltar, aliás, que as famosas teses antifascistas de Benjamin foram redigidas quase no mesmo período em que Orwell viria a lutar na Espanha, um momento decisivo para moldar suas convicções e no qual, para muitos, encontram-se as sementes de *1984*.[7]

6 Raymond Williams, *Culture and Society 1780-1950*. Nova York: Anchor, 1960, p. 304. [Ed. bras.: *Cultura e sociedade: De Coleridge a Orwell*. Trad. de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.]

7 A ideia de que o acesso ao passado não se dá "tal como ele de fato foi", mas no ato de "apropriar-se de uma recordação como ela relampeja no momento de um perigo", por exemplo, é uma forma de entender o primeiro registro de Winston em seu diário: o gesto de uma mãe, judia, num bote com refugiados, envolvendo com os braços o filho pequeno, em uma tentativa inútil de protegê-lo contra os bombardeios. Ver: "Experiência e pobreza" e "Sobre o conceito de história", de Walter Benjamin, em *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política* (São Paulo: Brasiliense, 2012).

Mas será que acessamos o romance da mesma maneira que lemos *O processo*, *O som e a fúria* ou *Grande sertão: veredas*? Há uma diferença na forma como as ideias ou opiniões são debatidas, ao modo de alguns romances russos do século XIX, ou mesmo, se quisermos, *Doutor Fausto*. Entretanto, mais do que detectar um dialogismo polifônico, o que encontramos muitas vezes em *1984* são monólogos. Quando algum personagem fala ou quando Winston tece suas considerações ou lê a *Teoria e prática do coletivismo oligárquico*, quase tudo mais se cala.[8]

Em certa medida, essa característica coincide com o argumento de vários críticos (como Williams, Ben Pimlott ou George Packer) de que há um forte componente ensaístico no livro, ou de que ele seria uma espécie de ensaio de não ficção disfarçado de ficção, o que também se associa à qualidade dos ensaios de Orwell, tendo em vista, entre outras, a afirmação de Howe de que o autor seria o melhor ensaísta britânico desde William Hazlitt. Por fim, devemos levar em consideração as palavras do próprio Orwell em "Por que escrevo", quando manifesta sua intenção, ao menos no que diz respeito aos dez últimos anos de sua vida, de "transformar escrita política em arte", acrescentando que a ausência de propósito político sempre o levou a escrever livros sem vida.[9]

1984 é tudo menos um livro sem vida. Podemos perdoar-lhe a simplicidade do enredo, a falta de profundidade psicológica das

8 Sobre o conceito de polifonia, dialogismo e plurilinguismo, ver Mikhail Bakhtin, *Problemas da poética de Dostoiévski* (Rio de Janeiro: Forense, 2013) e "O discurso no romance", em *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance* (São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002). Defendo que a dinâmica da cena final entre Winston e O'Brian também revela, no fundo, natureza diferente do diálogo, mas não a discutirei aqui.

9 Confira a fortuna crítica desta edição. O texto de Ben Pimlott pertence à edição de *1984* da Companhia das Letras publicada em 2009. Ver também: Irving Howe, "George Orwell: As the Bones Know", em *A Voice Still Heard: Selected Essays of Irving Howe* (New Haven: Yale University Press, 2014) e George Orwell, "Why I Write", em *Collected Essays* (Londres: Secker & Warburg, 1975), pp. 440 e 442.

personagens e mesmo algumas inverossimilhanças porque, afinal, não estamos lidando com um romance que se adéqua propriamente, em sua estrutura ampla (a despeito da defesa do próprio Orwell de que a prosa deva funcionar como uma vidraça), aos preceitos de um realismo ou naturalismo mais convencionais. Portanto, mais do que nos atermos à elaboração dos detalhes, sobretudo de qualidade sensorial (muito eficazes, a propósito) ou à descrição exaustiva do cotidiano sombrio e monótono, talvez devamos considerar o que Raymond Williams chamou de paradoxos do autor.

O primeiro deles (devemos estranhar?) nos é dado pelo pormenor realista: o vento das ruas, que, por mais que Winston Smith dele procure se esquivar, acaba soprando poeira para dentro do edifício onde mora o personagem, quando ele passa pelas portas de vidro da entrada. Se, para Williams, a poeira cáustica é o primeiro paradoxo (a grande tradição humana da democracia, da verdade e da cultura exposta pelos elementos como piada mordaz), eu diria que o vento em si constitui a primeira oscilação em uma notação de outro modo objetiva. Afinal, ele é descrito como "*vile*" (vil, perverso, cruel), uma qualidade humana, moralmente investida, na perspectiva tanto do herói quanto do narrador. Logo no parágrafo inicial, o vento adquire proporções simbólicas e políticas, sugerindo que *1984* ambiciona ser mais do que mera vidraça.

Na primeira nação a sofrer o choque do industrialismo, a matéria é poderosa e submete o sujeito a pressões extraordinárias. Como parte dessa tradição, Orwell sofreu esse tipo de pressão, mas viveu outras. De sorte que, para Williams, o efeito total de suas obras consiste em um efeito de paradoxo: "Ele foi um ser humano que comunicou um extremo de horror inumano". Na realidade, mais do que um paradoxo, uma série de paradoxos, cuja chave o crítico define depois como o "paradoxo do exílio". Trata-se de um exílio igualmente particular, o do sujeito que, privado dos meios para uma existência confortável ou rejeitando aqueles que a herdaram, encontra a sua medida de independência numa espécie de existência improvisada.[10]

10 Raymond Williams, *Culture and Society 1780-1950*, pp. 304-8.

Orwell rechaçou o imperialismo britânico ao qual serviu. Seu ódio ao totalitarismo deriva de sua experiência colonial. Mas, ainda que eu acredite que os fatos indiquem um quadro bem mais complexo (ele nunca cortou os laços com seus colegas de Eton e sua experiência como programador cultural na BBC entre 1941 e 1942 serviu-lhe como matéria para a criação do Ministério da Verdade), gostaria de perseguir um pouco a ideia por trás desse sentimento de exílio. Em outro contexto, Sérgio Buarque de Holanda definiu-o como a percepção de viver desterrado na própria terra.[11] Quero aqui relacioná-lo com o aspecto da linguagem.

George Orwell preocupava-se com a deterioração do seu idioma, como vemos, por exemplo, em "A política e a língua inglesa". Excluindo os aspectos mais normativos do ensaio de 1946 e a ideia um pouco ingênua de que o significado possa como que escolher a palavra a ser empregada pelo escritor, o que chama a atenção é sua preocupação com o que denomina "expressões prontas", frases feitas (*ready-made phrases*), que não apenas constroem uma sentença para quem escreve, mas até mesmo "pensam o pensamento" para ele.[12] Logo, mais do que a pobreza da língua, Orwell preocupava-se com a pobreza do pensamento que a língua padronizada, irrefletida causava, uma inquietação que revelaria sua face mais tenebrosa na ameaça da Novafala.

A mais poderosa arma para a abolição do pensamento independente e da reflexão crítica, a Novafala é o idioma que viria a substituir o inglês padrão, ou Velhafala. Por meio de uma série de mecanismos linguísticos implementados nessa língua fabricada, seria possível impedir qualquer ato de desobediência, pelo simples aniquilamento da ideia que leva à ação. A fala desvincula-se do pensamento, a articulação da consciência. E, se o roman-

11 Veja, a respeito das questões brasileiras, Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2010), p. 31.

12 George Orwell, "Politics and the English Language", em *Collected Essays*. Ed. bras.: *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Seleção de João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 157.

ce vem coalhado de expressões da Novafala (a começar pelo nome do idioma, além dos termos "duplipensamento", "patofala", "desbom" e "despessoa"), ele de fato é vazado nos moldes da Velhafala, cujo vocabulário é por sinal descrito como "nosso" (*our own*), o que dá ensejo a algumas perguntas acerca do narrador e da temporalidade do romance.

Mais do que 1984, a data definitiva do romance é 2050, quando a Velhafala, o último elo com o passado, seria por fim suprimida. A supressão ocorreria quando se concluísse o trabalho de tradução para a Novafala e consequente desvirtuamento da literatura antiga, incluindo as obras de Milton, Swift, Byron e Dickens. Essa é parte da tradição orwelliana de que trata Williams, sendo também a do narrador. Sabemos que a ação do romance se passa no ano impreciso (o protagonista não tem certeza) e simbolicamente oposto (como se refletidos em um espelho, os dois últimos algarismos invertem os de 48, quando o romance foi escrito) de 1984, mas de onde fala o narrador, ou seja, em que espaço-tempo ele se encontra?

Como a maior parte dos verbos do apêndice "Princípios da Novafala" está no passado, muitos leitores de *1984*, como a escritora Margaret Atwood e o biógrafo Bernard Crick, acreditam que o romance sugira que o pior foi evitado. A conversão definitiva para a Novafala, a última fase do apagamento das mentes, nunca aconteceu. No entanto, falaria o narrador de um tempo seguro, posterior a 2050, ou, o que é mais provável, anterior a isso, ainda que nada nos conte sobre a derrocada do regime? O narrador afirma que "a história tinha sido reescrita", insinuando o avanço do projeto totalitário, mas observa que falhas do sistema permitiram a sobrevivência de fragmentos de literatura do passado, os quais "no futuro [...] se tornariam ininteligíveis e intraduzíveis". Algumas vezes percebemos o emprego de dêiticos — "agora (*now*)", "hoje em dia", "nossos dias" — associados à ininteligibilidade da Novafala: os vocábulos desse idioma seriam incompreensíveis "para os falantes do inglês de nossos dias" (no original, o vínculo soa mais forte: "*our own days*", os dias que nos são próprios, que nos *pertencem*).

O falante da Novafala não nos entenderia, nem nós o entendemos. Haveria uma cisão entre nós, criada pela linguagem. O nar-

rador está de algum modo conosco e 2050 nunca ocorrerá na prática. É uma data hipotética, sinistra. Outra hipótese possível é que o apêndice apresente um outro narrador. Este, porém, assemelha-se muito ao principal, até certo ponto não apenas se sobrepondo a ele, mas ainda se intrometendo na narrativa, ao propor uma nota de rodapé justamente quando o colega de Winston, que trabalhava na preparação da nova edição do dicionário da Novafala, explica alguns dos princípios linguísticos do idioma. A nota convida o leitor que queira "saber mais" a interromper a leitura e seguir para o apêndice.

Em seu estudo *Origens do totalitarismo*, por vezes contraposto a *1984*, Hannah Arendt argumenta que o terror se baseia na solidão — distinta, segundo ela, do isolamento. Isolado, eu ainda me encontro comigo mesmo, uma companhia que garante que eu não perca contato com meus semelhantes; na solidão, esse meu próprio eu com quem me encontro me abandona, e fico solitário. Para ela, a solidão se associa ao desarraigamento das massas modernas, que se inicia com a Revolução Industrial e se intensifica com o imperialismo. Não sugiro que Orwell busque cortar raízes, mas proponho que as experiências vividas por ele no país que foi a vanguarda do industrialismo e cujo poder imperial ele conheceu de perto e tanto execrou o tornaram especialmente sensível aos regimes totalitários, cuja essência é a solidão.[13]

Sua condição também o levou ao exílio não apenas uma, mas várias vezes, o que lhe acentua a desconfiança, alguma paranoia e também um agudo senso de observação, como assinalou Williams. E tornou-o suscetível ao fenômeno da linguagem. A filósofa Barbara Cassin mostra como Arendt, refugiada do nazismo nos Estados Unidos, associa a língua à condição do exilado: a sua língua materna é o que, quando nada mais resta, ainda a conecta à terra natal.[14] Orwell viveu em outros paí-

13 Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 527-8.

14 Ver Barbara Cassin, *Nostalgia: When Are We Ever at Home?* (Nova York: Fordham University Press, 2016).

ses — Birmânia, Espanha, França — e chegou a aprender outras línguas, mas nunca abandonou o inglês e sempre regressou a seu país. Teria abandonado, porém, a condição de exilado? De alguma forma, ele parece sentir que o idioma do passado não é mais aquele falado por seus conterrâneos, quando adulto. Há uma cisão. E um perigo: que essa nova língua não represente mais o pensamento compromissado com a condição humana. Pior, que as expressões pré-fabricadas, que de certo modo podem ser associadas ao que Arendt chama de clichê e que ela conecta à banalidade do mal no nível da linguagem, comprometam a formação do raciocínio adequado, a energia do pensamento crítico.

O linguista e historiador da literatura francesa Victor Klemperer sabe o que isso quer dizer. Judeu casado com uma alemã, ele não apenas permaneceu na Alemanha durante o nazismo, como manteve o que denominou "Caderno de anotações do filólogo". Nele, transcreveu as mudanças impostas à língua alemã pela ideologia e propaganda nazista — controle esse que assegurou o triunfo do Terceiro Reich. A atividade clandestina de Klemperer, cujo "Caderno" é retirado de seus diários e no fundo constitui um diário, pode ser comparada à de Winston Smith.

Ambos escreveram com o objetivo de manter a sanidade, registrar a história e servir como testemunho do terror totalitário. Ambos precisaram ocultar os seus diários. Winston se pergunta para quem escreve, se para o futuro ou para o passado, para uma "época talvez imaginária". Klemperer apelida o seu diário de vara de equilibrista, sem a qual ele despencaria no abismo. Ele chama a linguagem do Reich de *Lingua Tertiii Imperii* ou LTI (língua do terceiro império), uma versão adulterada, corrompida e oca do alemão. Como a língua é responsável por dirigir mentalidades (para Arendt, a própria gramática é um modo de pensar), o filólogo investiga se em determinadas circunstâncias ela também não conteria traços de veneno, se as palavras não poderiam ser usadas como "minúsculas doses de arsênico", aparentemente inofensivas, embrenhando-se "na carne e no sangue das massas" dia após dia, até o momento em que o efeito se faz notar. A LTI

não deixa de ser uma espécie de "Princípios da Novafala" assustadoramente real.[15]

Vale destacar certo fascínio do narrador com relação à Novafala, um cuidado que ultrapassa a fronteira do linguístico ao descrevê-la. Não há nada de errado nisso, em princípio. Ele não sucumbe a seu apelo venenoso, pois dirige o interesse a outra parte: às relações oriundas da tarefa do tradutor, a qual, mais do que qualquer obstáculo, obriga o governo a postergar a instauração definitiva do terror para 2050 e, no fim, parece derrotá-lo. A derrota se dá não porque a tradução seja inviável (nem que se converta o trecho da Declaração da Independência de Thomas Jefferson em termos de "pensamento-crime"), mas porque o próprio ato de traduzir corrói os alicerces do domínio total.

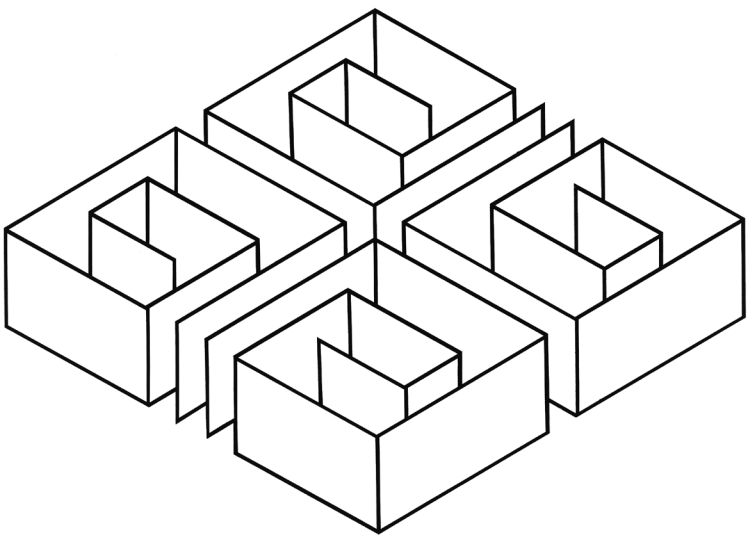
De acordo com Arendt, a correspondência entre as línguas, possibilitada pela tradução (ou pelo estudo do idioma estrangeiro), chama a atenção para algo que nos escapa na "genuína essência das coisas que produzimos e nomeamos", em suma, para a "equivocidade vacilante do mundo".[16] O exilado carrega consigo a consciência desse estado frágil, vacilante, multívoco do mundo.

15 Publicado originalmente em 1947, o "Caderno" recebeu no Brasil o título *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich* (São Paulo: Contraponto, 2009). Em sua introdução, a tradutora Miriam Bettina Paulina Oelsner explica que o estudo de filologia nazista empreendido por Klemperer mostra como "o significado das palavras foi desvirtuado; [...] a camada social cultural e instruída foi desvalorizada, estimulando o desinteresse cultural; o significado da palavra filosofia foi esvaziado por causa do perigo que o exercício do livre-pensar poderia suscitar". Entre as refrações semânticas e adulterações morfológicas, Klemperer nota a ampliação do uso do prefixo "ent-", que indica o seu contrário, como em *entdunkeln* (des-obscurecer) ou *entbittern* (des-amargar). Semelhante tanto ao nosso "des-" quanto ao inglês "*un*-", o prefixo lembra a tentativa da Novafala de formar palavras a partir do seu oposto: "desbom" (*ungood*) para ruim ou "despessoa" (*unperson*) para designar gente desaparecida, "abolida", cujo registro é apagado da história.

16 Apud Barbara Cassin, *Nostalgia: When Are We Ever at Home?,* pp. 57-8.

Ser de fronteira, nem daqui nem de lá, ele enxerga mais. Winston desconfia que o colega dicionarista será expurgado. Haveria nele um entusiasmo com a tarefa da destruição das palavras, que parece exceder a conveniência do cargo. "Um dia ele vai desaparecer", pensa. "Está escrito na cara dele." Estranho uso de palavra: o bíblico "estar escrito". É evidente, pois é a lei. Mas também: o zelo lexicográfico se grava no rosto, como tatuagem. Pode ser que o tradutor esteja a priori condenado, como um personagem de Kafka. Mas a tarefa da tradução em si acaba também por condenar o caráter unívoco, absolutista do projeto totalitário. É mais um dos paradoxos de Orwell.

1984



PARTE 1

1.

Era um dia frio e luminoso de abril, e os relógios davam treze horas. Winston Smith, queixo enfiado no peito no esforço de esquivar-se do vento cruel, passou depressa pelas portas de vidro das Mansões Victory, mas não tão depressa que evitasse a entrada de uma lufada de poeira arenosa junto com ele.

O vestíbulo cheirava a repolho cozido e a velhos capachos de pano trançado. Numa das extremidades, um pôster colorido, grande demais para ambientes fechados, estava pregado na parede. Mostrava simplesmente um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o rosto de um homem de uns quarenta e cinco anos, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis. Winston avançou para a escada. Não adiantava tentar o elevador. Mesmo quando tudo ia bem, era raro que funcionasse, e agora a eletricidade permanecia cortada enquanto houvesse luz natural. Era parte do esforço de economia durante os preparativos para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar e Winston, com seus trinta e nove anos e sua úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu devagar, parando para descansar várias vezes durante o trajeto. Em todos os patamares, diante da porta do elevador,